

Filosofia Patrística E A Ética Agostiniana

Oliveira, Erinaldo Silva

R.U. 649310

Professora Orientadora: Lucília M.G.A. Bonfim

RESUMO

Este artigo aborda o conceito da ética na escola filosófica patrística, com foco no pensamento de Santo Agostinho. O objetivo foi analisar a influência do pensamento cristão no conceito de ética do pensador hiponense. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, o texto conceitua e apresenta a principal intenção dos escritores patrísticos, a defesa da fé; a importância das ideias agostinianas para o pensamento cristão e filosófico; suas obras e sua filosofia fundamentadas na fé e na razão e a conceituação do ser ético na visão do mesmo autor. O artigo conclui que o ideal de uma ética centrada na ideia do amor ao próximo torna-se necessária e relevante na contemporaneidade e por isso a obra do Bispo de Hipona mostra-se ainda presente, e atual.

Palavras-chave: Patrística, ética, fé, razão.

1 INTRODUÇÃO

Na história, o questionamento e a reflexão filosófica sobre a ética esteve presente nas mais variadas sociedades e culturas, o que não é diferente na atual sociedade contemporânea, o interesse dos pesquisadores de diferentes áreas pelo tema tem aumentado significativamente, o que acaba por ultrapassar os limites da Filosofia.

O estudo dos aspectos históricos sobre a ética na visão dos mais variados pensadores, bem como suas definições conceituais são essenciais para a reflexão não somente de professores e estudantes da área, mais de pedagogos, gestores educacionais e demais profissionais da educação e das mais diversas áreas.

Este trabalho visa uma investigação a respeito da conceituação da ética pelo grande ícone da Patrística, Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho e considerando a relevância do estudo desse pensamento ético agostiniano para compreensão da percepção ética atual, a pergunta central que norteou a realização do trabalho foi:

“até que ponto o pensamento Cristão influenciou o conceito de ética em Santo Agostinho?”.

Assim, o tema tratado é muito pertinente, haja vista que é um tema debatido há tantos anos, fator de intenso debate no meio acadêmico e mesmo diante de tantos questionamentos, ainda continua por chegar a uma conclusão.

A relevância se faz presente também, pelo fato de perceber que a compreensão dos aspectos históricos do conceito ético, bem como suas definições conceituais são instrumentos fundamentais para a compreensão do mundo em que vivemos.

O tema pesquisado decorre de questões levantadas ao longo da formação acadêmica do pesquisador na graduação em Licenciatura em Filosofia. Na época, começaram a surgir questionamentos sobre o conceito de ética em Santo Agostinho no período filosófico conhecido como Patrística. Julgou-se oportuno pesquisar sobre o assunto e o eleger como tema de Trabalho de Conclusão de Curso

Objetivou-se, assim analisar a influência do pensamento cristão no conceito de ética em Santo Agostinho, ao mesmo tempo em que buscou-se apresentar aspectos históricos da Escola Patrística; apresentar a contribuição de Santo Agostinho na formação da Filosofia cristã; investigar o conceito de ética e do bem viver na concepção de Santo Agostinho e analisar as possíveis contribuições do autor para o contexto da ética atual. Para tanto, o artigo visa, através de pesquisas bibliográficas, tendo como apoio o Pólo de apoio presencial da Uninter em Itaituba e, como maior fonte de pesquisas a Internet, aprofundar e identificar os principais conceitos desse tema de estudo.

O estudo desenvolver-se-á em três momentos: No primeiro, busca-se definir conceitos sobre o período e contexto histórico da Patrística. Em seguida, procura-se narrar brevemente a biografia e a importância do pensamento de Agostinho de Hipona no período e finalmente procura-se identificar o conceito de ética para o pensador.

2 FILOSOFIA PATRÍSTICA E A ÉTICA AGOSTINIANA

2.1 A PATRISTICA

O termo patrística designa um período, também chamado de escola ou movimento filosófico que ocorreu “aproximadamente entre o século I e o século VII

d. C” (Almeida, 2015, p. 78). Tem a origem devido à atuação dos primeiros padres, madres e demais eclesiásticos da igreja Cristã, os quais constituíram o pensamento filosófico da época, baseada na sabedoria das Sagradas Escrituras Cristã (a Bíblia), conforme nos narra Polesi (2014, p. 116)

O termo Patrística é uma homenagem a líderes cristãos cuja literatura floresceu a partir do ano 95 d.C. e que foram considerados os “pais” da igreja. Também se refere à filosofia cristã daqueles primeiros séculos, mesmo quando não escrita por líderes religiosos.

Opinião semelhante compartilhada por Gilson (1995, p. 21), “Chama-se de literatura patrística, o conjunto das obras cristãs que datam da idade dos padres da igreja, mais nem todas têm como autores padres da igreja” o qual também reforça que apesar do termo consistir em uma homenagem aos pais da nova doutrina, lembra que nem todas as obras foram constituídas por líderes da Igreja. “Num primeiro sentido, ela designa todos os escritores eclesiásticos antigos, mortos na fé cristã e na comunhão da igreja”. (GILSON, 1995, p. 21).

Naquela época os estudos filosóficos de vários autores consistiam, em sua maioria, “acerca dos dogmas da igreja, de sua relação com o ser humano, da confirmação das Sagradas Escrituras e principalmente acerca de Deus e da sua relação com o ser humano e da relação do ser humano com Deus” (COELHO e RODRIGUES, 2006, p.02)

Teve como característica a defesa da fé Cristã perante as demais religiões denominadas pagãs. O pensamento filosófico e cultural grego foi utilizado como instrumento componente dessa apologética, também foi um momento de intensos debates, aonde procurou-se justificar a fé cristã, bem como os dogmas, tradições e visão de homem e de Deus da nova religião nascente, conforme Marias, apud Almeida (2015, p. 80):

O cristianismo se vê portanto obrigado, em primeiro lugar a uma formulação intelectual dos dogmas, e em segundo lugar a uma discussão racional com seus inimigos heréticos ou pagãos. Essa é a origem da especulação patrística.

A importância da incorporação da filosofia grega, a partir da conversão de pessoas dessa cultura ao pensamento Cristão, foi de primordial importância. Esse simples fato (a apropriação de uma noção filosófica), possibilitou a revelação cristã

ser conceituada como anterior a toda especulação teológica ou filosófica e acabou por legitimar ou até impor tais apropriações na nova crença. O conhecimento natural não era excluído, desde que subordinado à fé (Gilson, 1995):

Os padres da igreja tinham de esclarecer questões filosóficas para as quais não havia respostas evidentes na Bíblia. Por exemplo, como Jesus é ao mesmo tempo Deus e homem? A partir do que Deus criou o mundo, de matéria preexistente ou do nada? Os Padres da Igreja tinham de voltar-se para a filosofia grega para dela conseguir auxílio em suas especulações a respeito dessas difíceis perguntas. (GILSON, 1995, p. 51)

Polesi (2014, p. 116,117), procura dividir a patrística em três grandes períodos históricos e considerando também suas finalidades ou intenções:

I. Período Pré-Niceno (ou Anteniceno) – Corresponde ao período antes do Concílio de Niceia (325 d. C.), do século I ao início do século IV. É importante observar que no início desse período até aproximadamente o ano de 200 d.C., a patrística se dedicou principalmente a defender o cristianismo contra seus opositores; II. Período Niceno – Corresponde ao período que compreende alguns anos antes e depois do Concílio de Niceia, ou do início até o final do século IV. Foi nesse período, até o ano de 450 d. C., que surgiram os grandes sistemas da filosofia Cristã; III. Período Pós-Niceno – Compreende os anos que vão do século V ao século VIII. Nessa fase, ocorreu principalmente a reelaboração das doutrinas dos períodos antecedentes.

Conforme Almeida (2015, p. 80) “a igreja num primeiro momento edificou dogmas cuja veracidade deveria ser justificada, ou melhor, comprovada”. Todavia a justificação da fé não foi unanimidade entre todos os pensadores patrísticos, ou seja, não foi um pensamento único e singular, como vários outros movimentos filosóficos na história ocorreram divergências e diferentes escolas, entre elas ressaltamos: “a Escola de Alexandrina, a Escola Asiática e a Africana”. (Souza, 2009, p. 07). Dessa forma é imenso o número de nomes de pensadores patrísticos, assim, ao relacionarmos alguns importantes nomes incorremos no perigo de ausentarmos outros nomes de fundamental importância no período, todavia dentre essa enorme relação podem ser citados: Tertuliano, Boécio, Basílio de Cesaréia, João Crisóstomo, Evágrio Pôntico, Justino, Clemente, Orígenes, Anselmo de Cantuária, dentre inúmeros outros. Souza (2009, p. 07), ainda nos comenta que apesar da diversidade de pensamentos, todos os pensadores tinham como foco os mesmos objetivos:

Os pensamentos se divergem, porém, o interesse é sempre orientar os fiéis para a verdade de Deus, de Cristo, do homem e da igreja. Seu método é apologético, a defesa da verdadeira doutrina exige argumentações lógicas e analogias precisas. (SOUZA, 2009, p. 07).

Dentre tantos pensadores e exatamente dentro do contexto de justificação racional de determinados temas, tem-se destaque a figura de Agostinho de Hipona, ou Santo Agostinho, um dos mais conhecidos pensadores patrísticos e da própria cristandade, foco de nosso estudo.

2.2 SANTO AGOSTINHO

Nascido em Tagaste, na África em 354 d.C., Aurelius Augustinus converteu-se ao Cristianismo após 33 anos de uma vida dissoluta e libertina, apesar de ser filho de mãe Crista fervorosa, a qual lutou incessantemente por sua conversão em boa parte de sua vida. Tornou-se Bispo na cidade de Hipona no ano de 395, cargo esse que exerceu até sua morte em 431 (POLESI, 2014). É tido como grande um dos grandes nomes da Patrística, de acordo com Rhoden (2010, p. 161) Agostinho “foi o maior filósofo neoplatônico do seu tempo e um dos maiores pensadores filosófico-teológicos do cristianismo”. Opinião semelhante é compartilhada na visão de vários autores:

“Agostinho é um dos mais representativos pensadores medievais e sua contribuição filosófica pode ser interpretada como um dos esforços mais genuínos por compatibilizar fé e razão”. (SIMOES, 2015, p. 145). Amaral destaca:

Agostinho se destaca como o principal bispo e filósofo da Patrística, sua filosofia é de grande relevância, pois exerce forte influência na vida contemporânea. Suas obras ultrapassam todas as fronteiras existentes, exercendo papel fundamental na filosofia cristã, em que tem Deus como centro de todos os acontecimentos. (AMARAL, SOUZA e PEREIRA, 2012, p. 02)

Para França:

Agostinho como um grande erudito de seu tempo; sendo um pensador além de seu tempo conseguiu produzir um pensamento filosófico que veio a influenciar todo o pensamento ocidental, e assim, torna-se um dos homens da idade medieval a ser mais citado, mais lido (FRANÇA, 2014 p. 22, 23)

Opinião também semelhante ainda tem Polesi, (2014, p. 11), ao lembrar que “entre os santos padres está um dos maiores expoentes da patrística: Agostinho de

Hipona, ou Santo Agostinho, como é chamado pelos católicos, o qual representa o sumo do pensamento ético cristão daquela época”. Assim, percebe-se, na concepção de todos esses autores a concordância sobre a importância dos escritos e dos pensamentos desse autor durante todo o período da idade média.

Ao longo de sua vida, Agostinho escreveu diversas obras, sendo algumas das mais importantes, *Cidade de Deus*(416-427) , *A Trindade* (399-419) *Tratados sobre a Graça*, *O Livre- Arbítrio* (388), *A Verdadeira Religião* (389-390) e sua obra mais famosa, *Confissões* (399) (CAMPOS, 2015) , todas com sua concepção Cristã de Homem, ou seja o ser humano que era guiado por Deus e pelas sagradas Escrituras Cristãs, temas acerca de como o homem deveria ou poderia se relacionar com Deus e de como poderia alcançar a felicidade plena através desta busca e desta aceitação ou não da manifestação Divina em cada um (COELHO e RODRIGUES, 2006). É relevante lembrar, ainda, que em todas as obras, Santo Agostinho também refletiu e procurou entender e explicar situações vividas por ele mesmo. Contribuíram na elaboração do seu pensamento, meditações de sua própria trajetória de vida, é a partir delas que ele também busca a compreensão de homem, do seu meio e o seu interior (AMARAL, SOUZA e PEREIRA, 2012).

Para Agostinho Deus é tudo, tudo está em Deus e Deus em tudo está, esse mesmo Deus se faz presente no interior do homem e nele tudo teve início:

Por conseguinte, não existiria, meu Deus, de modo nenhum existiria, se não estivesses em mim. Ou antes, existiria eu se não estivesse em Vós, de quem, por quem e em quem todas as coisas subsistem? Assim é, Senhor, assim é. Para onde Vos hei de chamar, se existo em Vós? Ou donde podereis vir até mim? Para que lugar fora do céu e da terra, me retirarei, a fim de que venha depois a mim o meu Deus, que disse: Encho o céu e a terra (AGOSTINHO, 2000 p. 38)

Todavia a originalidade desse mesmo autor profundamente religioso se faz presente ao nos expor uma fé racional, uma fé auxiliada através da razão, trecho bem presente em sua conhecida frase: “Compreende para crer, crê para compreender” (GILSON, 1995, p. 144), ou seja, é permitido ter a fé para entender, ao mesmo tempo também deve-se buscar entender para crer melhor, dessa forma para (REGEN e CHAVES, 2007, p. 04):

Agostinho, com sua notável inteligência, apresenta ao mundo uma concepção de homem capaz de contemplar a Deus e, ao mesmo tempo,

agir sob os ditames da razão, revestindo-se de um caráter autônomo, sem jamais atribuir a algo fora de si a responsabilidade por suas ações, quer boas, quer más

A produção de escritos de Agostinho é profundamente extensa, abrange conceitos das mais variadas áreas do conhecimento humano: vão desde conceitos epistemológicos; ceticismo e felicidade; verdade e Deus; o tempo; o mal (FRANÇA, 2014) e a ética (tema desse estudo), como legado acabou nos deixando “Uma vasta produção literária, composta de obras de caráter filosófico, teológico, escritos exegéticos polêmicos e conflitos vivenciados por ele (AMARAL, SOUZA e PEREIRA, 2012, p. 07).

Devido toda a imensidão e solidez de escritos, entre os vários autores da Patrística, o pensamento de Agostinho “merece uma atenção especial, não apenas pela sua influencia sobre a filosofia medieval, mais também por ser a sua doutrina uma das mais coerentes do seu tempo” (SIMOES, 2015, p. 136).

O pensamento agostiniano ultrapassou épocas e ainda se faz presente no dia a dia da sociedade contemporânea, não apenas na área teológica (inegavelmente, outra área de grande contribuição desse autor), mais na reflexão entre o embate fé e razão, na educação e também em suas contribuições sobre conceitos éticos

O pensamento e as reflexões agostinianas impressionam até os dias atuais, sobretudo, as reflexões acerca do homem interior. Agostinho foi o principal filósofo e teólogo da Patrística, amadurecendo o pensamento dos padres gregos sobre a filosofia cristã, com isto, desenvolveu seu trabalho com a união entre fé e razão. (AMARAL, SOUZA e PEREIRA, 2012, p. 09)

Por sua coerência, universalidade e profundidade, os conceitos agostinianos são salutares ao homem atual, pois muitas vezes vão ao encontro de muitos questionamentos e aflições humanas, sendo dessa forma atemporal. O seu conteúdo atinge de maneira singular aos os indivíduos modernos, ainda nos fornecendo dessa forma importantes contribuições filosóficas, ou seja, o ser humano de hoje ainda pode encontrar variadas respostas a suas indagações em Agostinho.

.3 ÉTICA AGOSTINIANA

Historicamente nota-se que cada sociedade procura se constituir e se desenvolver tendo em vista um ideal de homem, ou seja, de acordo com um modelo

que acreditem estar compatível com a realidade vivenciada no momento. O homem ideal no período da patrística era o homem cristão e que obedecia aos valores expostos na Bíblia Cristã, “muitas regras de sabedoria são claras, tais como respeitar a justiça, subordinar o inferior ao superior, tratar equitativamente as coisas semelhantes, dar a cada um o que lhe é devido, etc.”. (SIMOES p. 140, 2015).

Agostinho, citado por Moura (2009, p. 119), nos apresenta com maior profundidade sua visão antropológica e de ética em suas próprias palavras nos termos abaixo:

Deus, portanto, é bom de um modo que é só seu...porquanto o bem pelo qual Ele é bom é Ele mesmo. O homem, ao invés, é bom enquanto a sua bondade deriva de Deus... E por virtude do Espírito de Deus que os bons se tornam tais, pois a nossa natureza foi criada capaz de ser participante d'Ele, mediante a própria vontade. E, se, portanto, bom na medida em que alguém age bem, isto é, se faz o bem com conhecimento de causa, com amor e com piedade: é-se mal, ao invés, na medida em que peca, isto é, se afasta da verdade, da caridade e da piedade... Por isso mesmo, o próprio Senhor aos mesmos que chama bons por causa da participação de graça divina, chama igualmente maus devido aos vícios da fraqueza humana. (AGOSTINHO citado por MOURA 2009, p. 19)

Foi sobre esse homem que Agostinho construiu seu ideal de ser ético e nota-se que “Compreender a origem dos valores humanos e sua aplicabilidade é um dos objetivos do estudo da ética”. (ALENCRASTRO, 2012, p. 27), por isso, torna-se importante compreender o pensamento ético-religioso Agostiniano, um dos maiores expoentes da ética cristã nesse período, pois

As questões éticas parecem fazer parte de todos os setores da atividade humana. Decisões referentes ao certo e errado, bem e mal, permitido e proibido estão na política, na economia, na educação, na religião, nos negócios, enfim, em tudo o que diz respeito ao ser humano no mundo, á sua condição humana. (ALENCRASTRO, 2012, p. 31)

Ou seja, a ética faz parte da maioria dos setores de nossa vida atual, por isso, compreender as contribuições históricas nesse ramo do conhecimento é bastante salutar, tendo em vista que em grande parte de nossos conceitos éticos atuais emanam dessas mesmas contribuições históricas no decorrer dos séculos.

Para Gilson citado por Simões (2015, p. 140), “a ética agostiniana forma uma só com a metafísica e a sua religião”, o conhecimento ético é um caso particular da iluminação divina, que é, ela própria, um efeito das ideias divinas (justiça, amor,

caridade). Assim, segundo Agostinho, o homem já tem em seu espírito esses conceitos éticos e de uma vida feliz, os quais seriam lembrados através de uma busca interior, dessa maneira essas sabedorias precisariam do auxílio de Deus (iluminadas pela Luz divina) para tornarem-se compreendidas, dessa forma ser ético seria, através do auxílio divino, compreender a si mesmo, pois para o autor só conhecemos a nós mesmo a partir do conhecimento de Deus, Agostinho nos narra trechos dessa teoria em suas próprias palavras:

Então, como Vos hei de procurar, Senhor? Quando Vos procuro, meu Deus, busco a vida Feliz. Procurar-Vos-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo vive da minha alma e esta vive de Vós. Como procurar, então a vida Feliz? Não a alcançarei enquanto não exclamar: basta, ei-la. Mas onde poderei dizer estas palavras? Como procurar essa felicidade? Como? Pela lembrança, como se a tivesse esquecido, e como se agora me recordasse de que a esqueci? (AGOSTINHO, 2000, p.279)

Assim, a vida ética seria uma vida feliz para Santo Agostinho e tem uma característica, é necessário um encontro pessoal com Deus, encontro esse guiado pela razão. Ser feliz seria a maior procura de todo ser humano, assim, outro aspecto da ética agostiniana, “é o fato de que todas as ações dos homens devem ser realizadas com vistas à felicidade, que para nosso autor, é Deus, finalidade última do homem individual e social” (MOURA, 2009, p.03).

Para Lameira (2008 p. 07), Agostinho nos apresenta, em sua visão, o “pressuposto básico para se alcançar a vida feliz, ou seja, viver de maneira reta e honesta pelo caminho desejado pelo Criador, privar-nos dos bens corpóreos e terrenos considerando-os indignos de amor”.

O amor é um tema de primordial importância na ética agostiniana, Polesi (2014, p. 118) afirma que “se tivéssemos que escolher uma única palavra para representar o fundamento da ética de Agostinho essa palavra seria amor”, opinião compartilhada por Moura (2009, p. 02) o qual também afirma que “o amor a Deus e ao próximo é o eixo sobre o qual a ética agostiniana gira e para onde conflui todo o agir ético”, o mesmo autor ainda adverte que

não se pode compreender, adequadamente, a ética agostiniana fora da perspectiva do amor, pois os homens, para o hiponense, tendem comumente para o objeto do seu amor. O homem se revela por aquilo que ama (MOURA, 2009, p. 01)

. Assim, ser ético é ter a capacidade de amar, mais que tipo de amor seria esse? É necessário tomarmos o cuidado de não confundir o conceito desse amor (amor ágape, ou seja, amor divino) com o conceito que conhecemos em nosso viver diário, conforme nos lembra Polesi

O amor que Agostinho defendia não era o mesmo amor que conhecemos hoje, no dia a dia e nas telenovelas, aquele que sentimos pelo conjugue, pelos filhos, pelos pais, pelos grandes amigos, por objetos, por status ou situações, era antes de tudo, um amor divino, o amor por um Deus. (POLESI, 2014, p. 118)

Assim, o amor, base da ética agostiniana seria o amor espiritual, o amor por Deus e de Deus, mais que deveria ser compartilhado entre os semelhantes, pois também seriam criaturas de Deus, portanto por amarmos Deus amaríamos o próximo, ou amo o próximo porque amo a Deus. Por isso para Agostinho, “a ética só tem sentido enquanto ação e comportamento que visam o respeito à lei de Deus que ordena a todos os homens a se amarem como irmãos”. (MOURA, 2009, p. 2).

Esse amor seria ainda um amor desinteressado, ou seja, um amor que não precisaria de uma justificção, de certa forma (respeitando reservas necessárias) podemos encontrar um prenúncio do ideal kantiano: “age de modo a considerar a humanidade, seja na tua pessoa, seja na pessoa de qualquer outro, sempre também como objetivo e nunca como simples meio”. (KANT citado por FERREIRA, 2015, p. 221). Assim,

O amor defendido por Agostinho, não deve ter uma explicação, um motivo ou uma justificativa, como em: “amo porque é minha esposa”, ou “amo porque é meu pai”, ou “amo porque é meu amigo”. Devemos amar alguém apenas por ser semelhante, irmão, filho de um mesmo Deus; devemos amar todos os seres humanos, inclusive os feios, os maus, os chatos e até os inimigos (POLESI, 2014, p. 118)

Um outro aspecto da ética agostiniana, é a livre escolha ou livre arbítrio, o qual para Simões (2015, p.137) “é a raiz psicológica da ética agostiniana”. Esse argumento consiste na ideia de que o homem tem plena liberdade para as boas ou más atitudes, assim estando sujeito às consequências desses atos.

Santo Agostinho deixa claro, tanto nas Confissões quanto n’O Livre-Arbítrio, a total responsabilidade do homem por seus atos. Está nas mãos do próprio homem escolher o destino de suas ações, quer sejam boas, quer sejam más, resumindo assim, todo o poder de decisão e dever do homem para com suas escolhas (REGEN e CHAVES, p. 02)

Por isso ser ético trata-se também de uma decisão, uma escolha do ser humano, assim, podemos dizer que a escolha pela vida ética é uma opção responsável do homem, ou seja, o homem torna-se ético porque desejou ser ético.

Dessa forma, com essas constatações é possível estimular os olhares a se voltarem para o pensamento agostiniano, despindo-se das vestes do pré-conceito em relação ao período (medieval), que embaça a importância desses fatos para a história da Ética.

2.4 METODOLOGIA

No que se refere aos seus procedimentos práticos, este artigo é um estudo de natureza bibliográfica acerca da temática da Filosofia Cristã. A metodologia que foi utilizada se constituiu de pesquisa e revisão bibliográfica para fundamentação teórica e em seguida análise de conteúdo as quais visaram alcançar os objetivos que foram propostos.

Com relação à pesquisa bibliográfica, de acordo com Cordeiro, Molina e Dias (2014, p. 158).

A pesquisa bibliográfica é o estudo organizado sistematicamente com base em materiais publicados. São exigidos a busca de informações bibliográficas e a seleção de documentos que se relacionam com os objetivos da pesquisa,

Foram realizadas buscas de informações em materiais utilizados durante o decorrer do curso, bem como indicações de estudos complementares fornecidos por vários professores de diversas disciplinas, com grandes contribuições das indicações do professor Everson Araújo Nauroski, professor da Disciplina História da Filosofia Medieval.

Segundo Gil (2010, p.29) a pesquisa bibliográfica é “elaborada com base em material já publicado”, ou seja, principalmente a consulta a autores consagrados.

A revisão bibliográfica realizou-se mediante uma leitura sistemática, com fichamento de cada obra, de modo a ressaltar os pontos pertinentes ao assunto em estudo abordado pelos autores a partir de livros, artigos, e fontes eletrônicas que abordam o tema proposto, utilizou-se como maiores fontes de pesquisas a biblioteca

do Polo de Apoio Presencial do Centro Universitário Uninter em Itaituba, os livros de apoio fornecidos durante o curso e também a internet.

Já com a análise de conteúdo, a qual consiste em um conjunto de técnicas de análises das comunicações, buscou-se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto dos textos ou mensagens (SEVERINO, 2011). Envolveu dessa forma a análise cuidadosa e criteriosa do conteúdo dos textos e enunciados. A mesma consistiu em três fases cronológicas: Primeiramente realizou-se a pré-análise dos materiais, em seguida ocorreu a exploração do material e por último realizou-se o tratamento dos resultados (a interferência ou a interpretação) (FIGUEIREDO e SOUSA, 2010).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que durante o período histórico da patrística, o pensamento medieval foi guiado com ênfase na fé Cristã, porém não uma fé cega, mais uma fé racionalmente justificável, uma crença auxiliada pela razão.

A leitura de trechos de alguns pensamentos Agostinianos e de alguns importantes comentadores deixa clara a influencia do cristianismo em seus escritos e a grande contribuição que o Bispo de Hipona proporcionou ao pensamento filosófico, bem como ao desenvolvimento da ética.

A importância da teoria de santo Agostinho a respeito da ética é perpassada até nossos dias, no momento em que se busca a vida feliz nos mais diversos meios, pois apesar de vivermos em uma sociedade individualista, aonde imperam valores que vão desde o hedonismo, ao consumismo extremo, há uma inclinação natural do homem para a busca da felicidade, ou seja, não existe de maneira alguma um homem sequer que deseje uma vida infeliz. Além disso, é a busca incessante pela felicidade que move os homens e todas suas atividades.

A ética como sinônimo de amor para Agostinho sugere o homem como um ser criado por um Deus de amor, e por isso foi um ser criado, especialmente, para o amor. Portanto, o homem é essencialmente participante deste amor e a sua grande e principal finalidade é a propagação e compartilhamento deste amor, independente de merecimento ou não por parte do outro e sem segundas intenções, ou seja, o homem ético é o homem capaz de amar desinteressadamente, ideais importantes para uma sociedade marcada ainda por atos de selvageria e intolerância entre

semelhantes, muitas vezes levados exatamente pela falta desse amor ao próximo, através da ganância, ambição e pela falta de empatia de enxergar a diversidade do outro.

O pensamento de Agostinho mostra-se presente na atualidade dos dias de hoje, também, pelo fato reconhecermos como seres autônomos, ou seja, temos a liberdade e autonomia de, decidir acerca de nossa vida em todas as esferas: social, política e religiosa, por isso a falta de coerência entre a natureza amorosa do homem e a própria ação, surge por causa dessa mesma liberdade concedida pelo Criador às suas criaturas.

Por isso, levando em consideração a problemática da ética e suas implicações em nosso contexto atual, tomarmos a ética como algo que vise a felicidade plena é um conceito bastante necessário para um mundo marcado pelo individualismo e egoísmo.

Por tudo isso, notou-se o quanto a obra do Bispo de Hipona é fértil e mostra-se ainda presente, necessária e atual.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio d Pina. Coleção 'Os pensadores'. São Paulo. Nova Cultural. 2000.

ALENCASTRO, Mario Sérgio Cunha. **Ética empresarial na pratica: Liderança, gestão e responsabilidade corporativa**. Curitiba. InterSaberes. 2012.

ALMEIDA, Antonio Charles Santiago. **Filosofia politica**. Curitiba. InterSaberes. 2015.

AMARAL, Roberto; SOUZA, Camila Cristina de; PEREIRA, Crislene Silva. **O Tempo e a Eternidade em Santo Agostinho**. 2012. Revista Vozes dos Vales: Publicações acadêmicas. Nº 02. Ano 01. Disponível em <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2011/09/O-Tempo-e-a-Eternidade-em-Santo-Agostinho_crislene_camila.pdf> Acesso em 26 07.2016

CAMPOS, Sávio Laet de Barros. **Agostinho: A Cidade de Deus**. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/7158462/Agostinho-e-a-Cidade-de-Deus>> Acesso em 26 12.2016

COELHO, Fabio Luciano Bueno; RODRIGUES, Ricardo Antonio. **Educação e Felicidade em Santo Agostinho**. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/014e4.pdf>> Acesso em 26 07.2016

CORDEIRO, Gisele do Rocio; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. 2. ed, Curitiba: InterSaber. 2014

FIGUEIREDO, Antônio Macena de; SOUZA, Soraia Riva Goudinho de. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica a apresentação do texto final**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010.

FRANÇA, João Ricardo Ferreira de. **Santo Agostinho: Sua influencia filosófica no pensamento ocidental**. Disponível em <https://www.academia.edu/6120722/A_FILOSOFIA_DE_AGOSTINHO_-_SUA_INFLUENCIA_NO_PENSAMENTO_OCIDENTAL> Acesso em 26 07.2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILSON, Etinene. **A filosofia na idade média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FERREIRA, Fabio I. **História da filosofia moderna**. Curitiba. InterSaber. 2015

LAMEIRA, Bruna Silva. **O Problema do mal na filosofia de Santo Agostinho**. Disponível em <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/Brunca%20Silva%20Lamera%20-%202023%20_208-215_.pdf> Acesso em 26 07.2016.

MOURA, Paulo Hamurabi Ferreira. **Os fundamentos ético-morais da paz no de civitate dei de santo Agostinho e sua contribuição para a atual construção da paz**. 2009. 229f. tese (Doutorado em teologia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15421/15421_1.PDF> acesso em 26 07.2016

POLESI, Reginaldo. **Ética antiga e medieval** Curitiba. InterSaber. 2014

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIMOES, Mauro Cardoso. **Os Caminhos da reflexão metafísica: fundamentação e crítica**. Curitiba. InterSaber. 2015.

SOUZA, José Neivaldo de. **O destino do homem no plano de Deus: uma análise da antropologia patrística sobre a “imagem e semelhança”**. Revista Pistis Praxis. V. 1, n. 1, Curitiba. Disponível em <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis?dd1=2482&dd99=view&dd98=pb>> Acesso em 05. 12.2016.

REEGEN, Jan G. J.; Noêmia de Sousa, CHAVES. **Santo Agostinho e Kant: um encontro de pensamentos na categoria da autonomia**. Revista Ágora Filosófica.

V. 01. n 01. Campinas. Disponível em <
<http://www.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/84>> acesso em 26 07.2016.

RHODEN, Huberto. **Agostinho: um drama de humana miséria e divina misericórdia**. 2. Ed. São Paulo. Martin Clarent.2010.

RIBEIRO, Elizabete Custódio da Silva; OLIVEIRA, Terezinha. **A influência de santo agostinho e de boécio no pensamento de anselmo de bec (século xi)**.

Disponível em <

http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2008/pdf/c044.pdf> Acesso em 26 07.2016.

UNIVERSIDADE CAMILO CASTELO BRANCO. **Ciência entre a razão e a fé**.

Disponível em <

http://www.ead.unicastelo.br/arquivos_moodle/cursos.100/fil_cie_mei_amb/conteudo/fil_cie_mei_amb_tema3.pdf> Acesso em 26 07.2016.